

É O AMOR, de João Canijo

por Daniel Ribas



Da experiência do amor: um filme-processo

Em 2012, o festival de cinema Curtas Vila do Conde organizou o Campus / Estaleiro, um intenso programa com estudantes de cinema da região do Porto. Como corolário, produziu diversas curtas-metragens, envolvendo esses estudantes com realizadores experimentados. Surgiu, nesse contexto, uma proposta direta a João Canijo: abordar o microcosmos social das Caxinas, um histórico bairro piscatório da zona norte, localizado em Vila do Conde. O bairro tem um potencial sociológico, já que se foi moldando às condições económicas, sociais e produtivas das últimas duas décadas do Portugal contemporâneo. O realizador, após um conjunto de investigações no local, decidiu abordar a questão a partir das mulheres dos pescadores, que considerou serem parte importante da atividade económica e emocional das vidas familiares das Caxinas: *“a mulher confia e depende do pescador para ganhar a vida, e o pescador confia e depende da mulher para governar a vida”*. O filme, assim, cruza três preocupações centrais do cineasta, que são também

recorrentes na sua obra anterior: o método de aproximação; um documento sociológico; uma análise do mundo como representação.

Um filme do método

Deixemos, por um momento, o lugar sociológico do filme –que poderíamos chamar a dimensão puramente documental da narrativa– e consideremos outra camada, eminentemente experimental, protagonizada pela presença da atriz Anabela Moreira no interior desse contexto social. A atriz tem significado, na obra de João Canijo, um particular método de aproximação a lugares e experiências, justamente denominado 'aproximação por contágio'. Neste método, assume-se que os atores serão tanto mais autênticos quanto se deixem contaminar pelos aspetos performáticos da vida sociológica que pretendem representar. Com Anabela, Canijo sucessivamente aprimorou o método: em **Noite Escura** (João Canijo, 2004), a atriz é uma anónima alternadeira (nem sequer faz parte do núcleo chave da narrativa); em **Mal Nascida** (João Canijo, 2007), interpreta uma mulher sedenta de vingança numa aldeia transmontana (para este papel torna-se evidente que o contágio também significa transformação física: a atriz terá engordado 25 quilos); em **Sangue do Meu Sangue** (João Canijo, 2011), é uma habitante do Bairro Padre Cruz, nos subúrbios de Lisboa. Em todos estes casos, a atriz passa um longo período nos locais, vivendo e convivendo com as pessoas que pretende 'retratar'.

Assim, **É o Amor** surge de um paradoxo: elimina a componente ficcional dominante de todos os filmes anteriores (descontando os casos específicos e laterais de **Fantasia Lusitana** -João Canijo, 2010- ou **Raul Brandão Era Um Grande Escritor...** -João Canijo, 2012-), mas mantém a presença de Anabela Moreira. Se, por um lado, esta foi uma estratégia importante para o pouco tempo de produção do filme (cerca de 2-3 meses), também se propõe, desse modo, experimentar a presença dominante do documentário. O resultado é híbrido e pode ser considerado um ensaio para os caminhos futuros do realizador, sobretudo pelo acentuar da dimensão documental que fora elemento minoritário nos filmes anteriores. Nesse sentido, não será fácil analisar **É o Amor** no contexto da obra

do realizador, se descontarmos estes aspetos 'produtivos' do filme, que, de facto, se encaixam nas preocupações centrais de Canijo desde 1998.



A presença de Anabela Moreira encaixa-se como desbloqueador dos diálogos e da presença das câmaras. Parece querer-se uma maior autenticidade das personagens documentais, ao mesmo tempo que Anabela tenta submergir ao mundo 'real': nesse sentido, Anabela mina as conceções normalizadas de documental e ficcional, assunto a que voltaremos mais à frente.

Um documentário sociológico

O que ressalta, então, neste documentário? Num primeiro momento, parece claro que resulta uma dimensão, como aliás já referimos, sociológica. Nisso, é um documentário *quase* convencional, ao acompanhar as suas personagens principais num vaivém das suas vidas em torno da pesca: o trabalho na lota; a viagem entre o porto (em Aveiro) e as suas casas (em Vila do Conde); alguns momentos íntimos em família; o pagamento aos pescadores; até um casamento. O filme decide que a sua personagem principal é Sónia Nunes e é nela que se concentra ao desenvolver esses aspetos íntimos. Deste

retrato, portanto, podem concluir-se algumas perspectivas sociológica: a vida do pescador é diferente da imagem que historicamente é associada; no caso da família que o filme segue, vê-se que há um excelente nível de vida; há uma certa visão de uma nova classe média-alta nestas personagens e nos seus excessos visuais e materiais. Assim, há um estereótipo que é posto em causa pela evidente realidade que o documentário expõe. Em certo sentido, o filme ensaia um novo estereótipo, moldando as personagens das Caxinas a um modelo dominante do português do século XXI.

Enquanto documentário sociológico, o filme pode cair em algumas armadilhas e por isso é que alguns críticos do trabalho de João Canijo – neste filme como em anteriores – têm sistematicamente acusado o realizador de fazer uma exploração exótica do *outro*. Em certo sentido, acusam-nos de se aproveitar de um carácter eminentemente popular e de gosto fácil das personagens, mas que esconde um profundo paternalismo de classe no olhar do cineasta. Do nosso ponto de vista, essa crítica é injusta, embora por vezes o filme se exponha quase até ao limite, como na sequência filmada de modo *amador* (por Anabela Moreira) num casamento das Caxinas. Talvez esse momento reforce a potencialidade manipulativa do próprio método, tendo até em conta a forma como a atriz conduz o filme em direções específicas (a este propósito é ilustrativo ler as diferentes entrevistas protagonizadas por Anabela Moreira). Enfim, essa será sempre a linha de embate com o próprio conceito de documentário e da manipulação ontológica do próprio género.

Não podemos entrar aqui numa discussão mais funda sobre a ética do documentário. Contudo, parece-nos que ***É o Amor*** ultrapassa alguns desses constrangimentos – e, nesse sentido, as críticas que tem sofrido – por um olhar sincero pelas suas personagens, isto é, não parece haver um julgamento de gosto sobre as personagens, cuja abertura é recebida pela honestidade da própria atriz, ali a funcionar como espécie de ponta de lança de João Canijo. Por isso, também nos parece que essa linha de demarcação quase é quebrada durante o casamento, quando diversas personagens nos são apresentadas sem contexto e potenciando uma comicidade não pretendida pelos retratados. No entanto, a distância contemplativa de quase todo o filme salvaguarda as personagens. Também por isso é

interessante ver a forma como o realizador prolonga a duração das cenas, deixando-as revelar o seu mundo (num movimento próximo de ***Sangue do Meu Sangue***).

O mundo como representação

É o Amor é um filme que se constrói numa representação de mundo. Isto é, a sua narrativa expõe a forma como as pessoas se organizam e constroem as suas memórias pessoais. Todas as subjetividades se constroem como representação e, dessa forma se projetam numa identidade. Nesse sentido, o filme explora a representação de mundo de Sónia, a mulher que comanda a vida da família e controla o negócio do barco *Marta Sofia*. É a força desse seu mundo que faz a potencialidade do filme.



De certa forma, o filme revela-nos esse dispositivo de construção da memória através dos momentos que marcam uma vida de um sujeito: batizados, primeiras comunhões, pedidos de casamento, casamentos (e que são 'eternalizados' em DVDs musicais). Esses momentos que estão presentes da vida de Sónia transparecem a construção de uma representação pontuada de memórias felizes. Sim, nesse sentido, parece que a representação de Sónia é

caracterizada por uma romantização da sua vida, claramente presente também nas músicas que influenciam o filme. Esses sons acentuam os lugares chave da memória seletiva. São, de certa forma, uma máscara, uma ilusão: são uma *representação*.

Outra das características desta representação é o excesso: marca na linguagem ou na dimensão visual, tudo o que é relatado por Sónia (a sua vida; o seu passado; a sua forma de vestir; os seus conselhos) são marcados por um excesso. “*É tão lindo*” é a expressão mágica neste mundo. A revelação.

É neste contexto que se apresenta mais interessante a colocação da narrativa da atriz: há uma construção ficcional de uma atriz à procura de uma personagem. Nesse sentido, parece tudo estar estruturado em camadas: uma atriz à procura de uma personagem (a sua, através das cenas confessionais); e uma atriz a construir uma personagem ficcional no interior do documentário e na relação com as mulheres. É aqui que Anabela Moreira marca a barreira –e por isso o filme tantas vezes parece ser uma experiência, um projeto *em curso*– porque a atriz interpreta, contagia-se, deixa-se levar, embora racionalmente seja possível demarcarmos essa construção ficcional. Surge, assim, uma dúvida: onde está o documentário e onde está a ficção?

Um filme-processo

Por vezes, este não parece ser um filme sobre as Caxinas, nem sobre as mulheres das Caxinas. Também não parece ser sobre o amor. Ele constrói-se da experiência entre um realizador, uma atriz e uma realidade social. É precisamente por isso que ele parece ser um *filme-processo*. O filme que continuamente João Canijo fez antes de cada uma das suas longas-metragens. Talvez ***É o Amor*** semeie o caos e talvez por isso o filme parece muitas vezes ainda esqueleto: falta forma final, contrapeso. Falta tragédia e violência (o contraste absoluto com os filmes anteriores). Isso não é bom, nem mau. É uma estratégia que coloca o filme num degrau intermédio para o próximo projeto do realizador. É um filme-experiência.